

in NICO, B. (Org.) (2008). *Aprendizagens do Interior: Reflexões e Fragmentos*. Lisboa: Edições Pedagogo.

## O Pano: Um exemplo de aprendizagem em contexto comunitário em Nossa Senhora de Machede<sup>1</sup>.

*Bravo Nico*

### Introduzindo

A base do *pano* é um tecido qualquer. Não importa a cor, o formato ou a dimensão. Normalmente, até se aproveita um tecido que tenha pouca utilidade, que seja menos bonito, aos olhos de quem o possui, ou que tenha sobrado de outra obra de maior dimensão.

O *pano* é profundamente pessoal, construído paulatinamente ao longo dos meses e dos anos e nele se vão acumulando as aprendizagens concretizadas e sedimentadas com a prática própria de idades com mais de seis décadas, a paciência de quem utiliza o tempo de forma tranquila e o carinho de quem quer dar o que tem e o que sabe a quem quer bem.

O *pano* circula pelas ruas ensoalheiradas, dentro de alcofas carregadas de pão e mercearia e passa de mão em mão, num circuito onde vai encontrando os familiares, os amigos e os vizinhos. Tudo gente conhecida e estimada que o trata bem e o devolve à procedência logo que possa.

<sup>1</sup> \_ Comunicação resultante de projecto de investigação denominado *Cartografia Educacional das Freguesias de São Miguel de Machede, Nossa Senhora de Machede e Torre de Coelheiros*, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito do Concurso de Projectos Educativos no país.

A partir do *pano* constroem-se paninhos, autênticas amostras que se disponibilizam a quem delas necessita para aprender. Os paninhos dão-se ou emprestam-se. Se forem emprestados, aprende-se de uma determinada forma; se forem dados, a aprendizagem adquire outra «geometria».

O *pano* vive em Nossa Senhora de Machede, pequena freguesia rural do concelho de Évora. Foi aí que o encontramos numa tarde quente e abafada do Verão de 2003.

## 1. O Contexto

Nossa Senhora de Machede é uma freguesia rural do concelho de Évora, onde habitam cerca de um milhar de indivíduos. A maioria desta população apresenta uma idade algo avançada e são muitos aqueles(as) que se encontram na situação de pensionistas. O nível de qualificações é baixo.

Quadro 1 \_ Indicadores Estatísticos da Freguesia

área	185,34 km <sup>2</sup>
n.º de habitantes	1180
população presente	1145
famílias clássicas residentes	460

Institucionalmente, a freguesia de Nossa Senhora de Machede apresenta uma apreciável quantidade de entidades, sendo bastante diversificadas as respectivas áreas de actividade, conforme se pode depreender da leitura do quadro 1.

Quadro 2 \_ Caracterização Institucional da Freguesia

Equipamentos e Serviços	Número
<b>1. Serviços e Comércio</b>	<b>18</b>
. Posto de Distribuição de Produtos Alimentares	1
. Lojas	6
. Café	3
. Padaria	2
. Autarquia	1
. Cooperativa	2
. Barbearia	1
. Paróquia	1
. Cabeleireiro(a)	1
<b>2. Actividade Industrial</b>	<b>7</b>
. Oficinas	3
. Construção Civil	2
. Fábricas	1
. Carpintaria	1
<b>3. Transportes e Comunicações</b>	<b>1</b>
. Praça de Táxis	1
<b>5. Educação</b>	<b>4</b>
. Educação Pré-Escolar	1
. Ensino Básico 1.º Ciclo (público)	1
. Ensino Básico Mediatizado (EBM)	1
. Escola de Música	1
<b>6. Saúde e Segurança Social</b>	<b>4</b>
. Centro de Saúde ou Extensão	1
. Posto de Medicamentos	1
. Lar de Idosos	1
. Centro de Dia	1
<b>7. Desporto</b>	<b>2</b>
. Clubes Desportivos	2
<b>8. Cultura e Lazer</b>	<b>5</b>
. Grupos	3
. Associações	2
<b>TOTAL</b>	<b>41</b>

(Junho de 2003)

O povoamento, apesar de concentrado, como é usual na região alentejana, apresenta a particularidade de se distribuir por uma área

assinalável, com zonas de acentuado declive. Cada habitação possui, normalmente, uma grande área de terreno anexa, de dimensões bastante maiores que os tradicionais quintais. Esta realidade contribui para o facto desta povoação apresentar um grande perímetro urbano.

Uma vez que não existe propriamente um largo ou uma praça que sirva, claramente, de centro urbano – o típico *adro da igreja* – a povoação foi crescendo em vários sentidos, nem sempre confluentes num centro. Este facto, que poderá, eventualmente, assumir alguma importância no estabelecimento das redes locais de comunicação e de vizinhança, concorrerá, certamente para uma forma muito própria de relacionamento humano neste território.

## 2. Os Panos...

É ainda bastante vulgar, nas pequenas aldeias e vilas do Alentejo, a prática de um artesanato têxtil muito próprio de cada local e de cada pessoa que o executa. Nossa Senhora de Machede não é excepção.

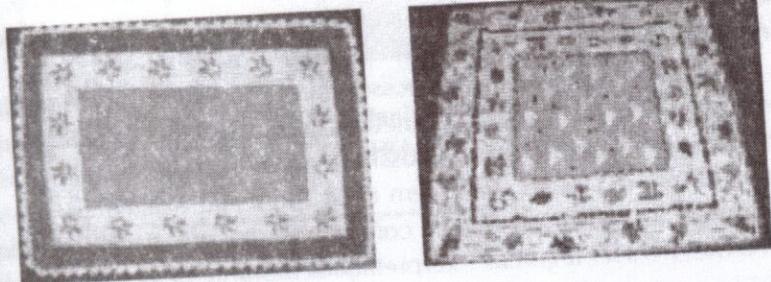
São, normalmente, as mulheres de idades mais avançadas aquelas que mais produzem, resultado, em alguns casos, da maior disponibilidade de tempo ou, em outros casos, de uma maior valorização dos objectos por si próprias produzidos.

Noutros tempos, muitas destas peças constituíam parte importante do enxoval que cada jovem transportava consigo para o matrimónio. A utilidade de outrora, para este tipo de artefactos locais, era maior que a actual e ainda hoje é bastante frequente a presença em muitos dos lares mais tradicionais de várias peças produzidas pelas próprias residentes ou por familiares.

As peças podem dividir-se em dois grandes grupos: aquelas que são produzidas colocando-se o bordado produzido em suportes já existentes (panos, colchas, lençóis) e as chamadas rendas, que não necessitam de qualquer suporte, uma vez que vão sendo tecidas à medida que se vão construindo os padrões e os motivos.

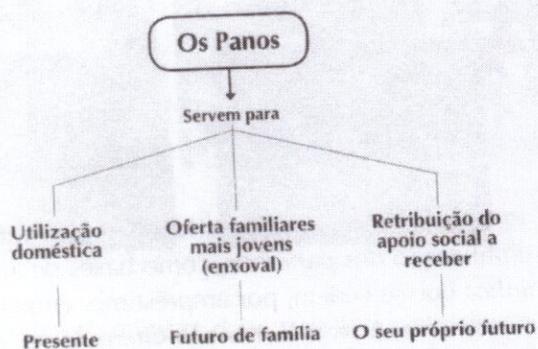
Em Nossa Senhora de Machede existem estes dois grandes grupos de peças. A nossa atenção irá centrar-se sobre um conjunto específico

de peças, que denominámos, genericamente, de panos e paninhos, de que mostramos alguns exemplares nas figuras seguintes.



O *pano* é, normalmente, o resultado da colocação, como ornamento personalizado, de uma, ou várias, rendas numa base rectangular ou quadrada já existente. A peça assim resultante destina-se à utilização doméstica, normalmente na cozinha, ou servirá como elemento de decoração a exibir numa das paredes da habitação ou em determinadas ocasiões mais festivas.

No entanto, o *pano* pode assumir outras finalidades. Poderá servir como um contributo de uma mãe ou de uma avó para o enxoval de um(a) filho(a) ou de um(a) neto(a). Por último, o *pano* poderá também servir como um objecto pessoal, que se oferece em sinal de gratidão, a quem proporcionar alguma solidariedade ao seu construtor, na velhice. Estas múltiplas funções do *pano* encontram-se sintetizadas na figura seguinte:



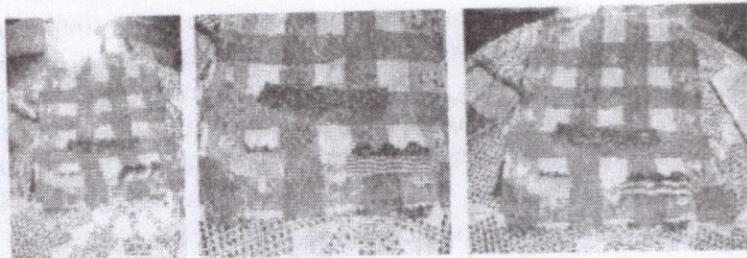
### 3. Ensinando o que se sabe...

Quem sabe construir os *panos* aprendeu com quem já sabia, da mesma maneira que disponibiliza essa mesma aprendizagem a quem ainda não sabe.

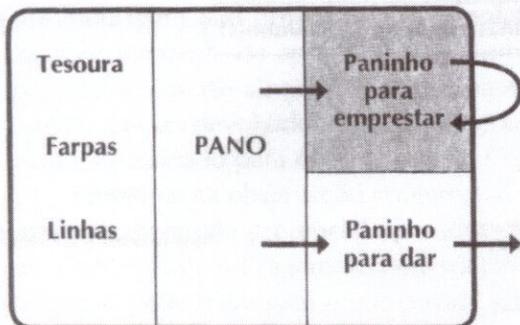
Existem uma infinidade de possibilidades de modelos de rendas, com inúmeros motivos e geometrias possíveis. Tal possibilidade permite que sejam infinitas as possibilidades de criar novas rendas e novas formas destas se adaptarem aos suportes já existentes. Nestas circunstâncias, estão criadas as condições para que cada indivíduo possa desenvolver algumas interpretações bastante pessoais, criando, muitas vezes, uma autêntica linha personalizada de objectos têxteis, de natureza artesanal.

Durante este processo criativo, são desenvolvidos novos padrões e novas geometrias que, normalmente, se partilham. A partilha é materializada através da cedência – temporária ou definitiva – de uma amostra do novo padrão ou da nova geometria. A esta amostra, chamaremos, daqui para diante, *paninho*.

O *paninho* tem dimensões reduzidas e cumpre, unicamente, um objectivo: a aprendizagem. Constroem-se e cedem-se paninhos para criar condições de aprendizagem para o outro. A(o) vizinha(o), o familiar, a(o) conhecida(o). Alguns destes exemplares são mostrados nas figuras seguintes:



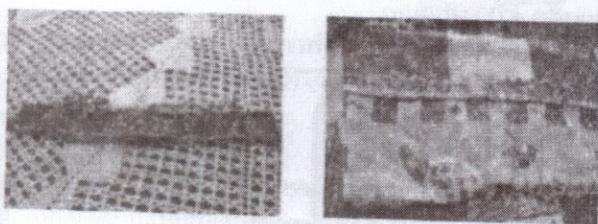
Existe, no entanto, uma particularidade muito interessante na concepção e utilização dos *paninhos*, como bases de aprendizagem. Existem *paninhos* que se cedem, por empréstimo, enquanto outros se cedem definitivamente. Uns e outros são diferentes e induzem diferentes formas de aprender.



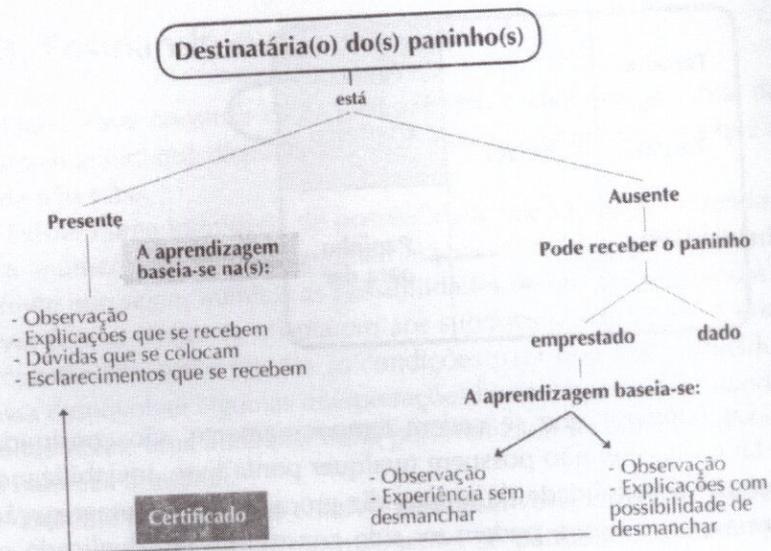
Os *paninhos* que se cedem temporariamente, são construídos de tal forma que não possuem qualquer ponta livre, inviabilizando qualquer possibilidade de a aprendiz proceder à sua desagregação. Estes suportes – que podem ter sido construídos em duplicado ou não – de aprendizagem apenas possibilitam a observação, não sendo susceptíveis de manipulação.

Os *paninhos* que se cedem definitivamente, possuem uma concepção ligeiramente diferente, uma vez que possuem uma ponta solta, por forma a que a aprendiz possa proceder à inversão do seu processo de construção, associando à observação a possibilidade de manipulação (em sentido inverso ao da construção). Normalmente estes suportes são construídos em duplicado, para que a aprendiz disponha sempre de um padrão como base de comparação, enquanto executa o processo inverso de desconstrução

Podemos observar os dois casos, nas duas figuras seguintes:



Podemos sintetizar estas duas possibilidades de aprendizagem, através do diagrama que se apresenta em seguida:



De referir, ainda, que existe um *paninho* que assume, também, a função de memorização das aprendizagens já efectuadas. Na realidade, é frequente que cada indivíduo possua um *paninho* que assuma esta função de arquivo.

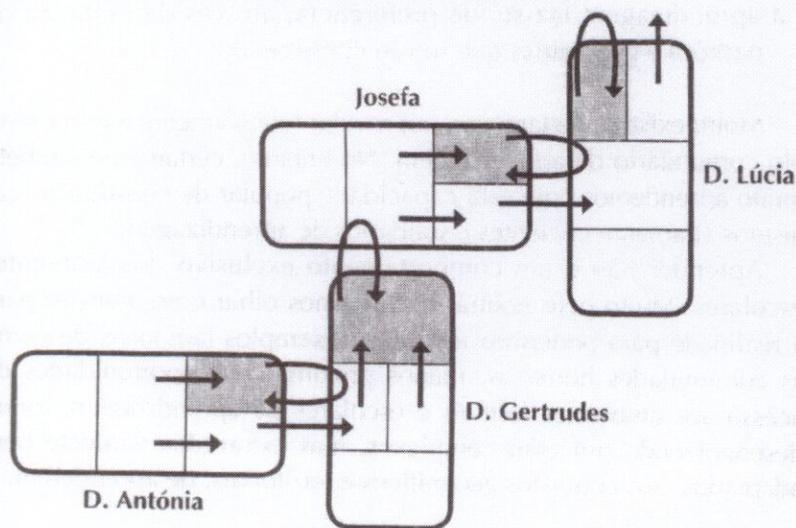
Da recolha de informação que realizámos, podemos concluir que, em Nossa Senhora de Machede, existe um interessante mecanismo comunitário de aprendizagem, em torno desta forma de artesanato artístico. A aprendizagem pode ocorrer com o aprendiz junto ao indivíduo que ensina ou pode acontecer à distância. Neste último caso, o processo de aprendizagem depende da possibilidade de manipulação do respectivo suporte – o *paninho*.

Com base na informação que recolhemos e nas observações que realizámos, poderemos concluir que existem três possibilidades de aprendizagem:

- **a aprendizagem presencial** – que se concretiza num determinado ambiente relacional, no qual participam, simultaneamente, dois ou mais indivíduos. Nestas circunstâncias, há uma maior liberdade de percursos, sendo possível a observação da prática, a experimentação e o esclarecimento de dúvidas;

- a **aprendizagem não presencial contemplativa** – que se concretiza num ambiente de aprendizagem normalmente solitário, com base num suporte alheio que não é passível de manipulação e que deverá ser devolvido exactamente como se recebeu, para que possa ser enviado para outra aprendiz. O processo de aprendizagem baseia-se na observação contemplativa;
- a **aprendizagem não presencial operativa** – que se concretiza num ambiente de aprendizagem também solitário, com base num suporte que se pode manipular e que possui, simultaneamente, a possibilidade de observação directa ou inversa – que se verifica quando se manipula a amostra, desagregando-a –. Nestas condições pode ocorrer acumulação de experiências parcelares bem sucedidas.

Do resultado deste processo comunitário de aprendizagem também se pode concluir da existência de um acervo de amostras (*panos e paninhos*). Cada indivíduo possui, normalmente, um conjunto de amostras suas que poderá disponibilizar, enquanto vai recebendo outras amostras com as quais vai aprendendo novos padrões e geometrias. Estas trocas geram um movimento contínuo de partilha de bases de aprendizagem e assumem-se como uma autêntica plataforma comunitária de aprendizagem. Podemos traduzir esta plataforma comunitária de aprendizagem na figura seguinte:



## Concluindo...

A realidade que conhecemos em Nossa Senhora de Machede não será, certamente, muito diferente da que existirá noutras pequenas localidades do interior português. Nesta freguesia – possuidora de um contexto geográfico caracterizado por uma determinada circunstância territorial e um determinado «microclima comunitário» – edificou-se este processo bastante particular de aprender. A proximidade e os fortes laços familiares e de vizinhança serão, eventualmente, factores determinantes no estabelecimento deste exemplo de aprendizagem de natureza comunitária.

Esta aprendizagem, que acabámos de apresentar, revela alguns aspectos interessantes:

- cada indivíduo possui um sistema próprio de registo das aprendizagens realizadas (um *pano*), que é pessoal e intransmissível;
- ocorre, sistemática, comunitária e voluntariamente, a partilha das novas aprendizagens, através de suportes próprios que são construídos especificamente para esse fim (os *paninhos*);
- não existe um *paninho* liderante ou uma fonte liderante de distribuição de *paninhos*, facto que pressupõe a existência de uma rede homogénea e igualitária de aprendizagem;
- a aprendizagem faz-se, de preferência, através da imitação de padrões e geometrias que se vão conhecendo;

Muito existirá, certamente, por revelar relativamente a este exemplo comunitário de aprendizagem. No entanto, certamente também muito aprendemos com esta capacidade popular de construir mecanismos altamente eficientes e solidários de aprendizagem.

Aprender não é um comportamento exclusivo dos ambientes escolares. Muito pelo contrário. Basta-nos olhar com atenção para a realidade para podermos identificar exemplos fabulosos de como as comunidades humanas, menos próximas das oportunidades de acesso aos ambientes formais e escolares de aprendizagem, foram desenvolvendo processos complexos, mas extraordinariamente bem adaptados, aos contextos geográficos e territoriais, de aprenderem.